

A psicopolítica de Byung-Chul Han

Resenha

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Belo Horizonte: Âyiné, 2018. 117 p.

José Ricardo D'Almeida

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Comunicação e Estéticas da Escola de Comunicação da UFRJ



Byung-Chul Han (1959-) é um filósofo de origem sul-coreana, professor de filosofia e estudos culturais na Universidade de Artes de Berlim (UdK), com diversos livros traduzidos no Brasil.

Em *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*, pequeno volume de 117 páginas com 13 capítulos, publicado em formato de bolso, Han considera que estamos diante de uma crise de liberdade pela ameaça neoliberal que nos transforma da condição de sujeito à condição de um projeto, como se fossemos um sujeito autodeterminado. O “sujeito projeto” de Han resulta como condição da nossa adesão às condições de trabalho sob o neoliberalismo.

Para o filósofo, o neoliberalismo é uma mutação do capitalismo, transformado em uma nova transcendência que superou historicamente a proposta de revolução. E isso ocorre devido à nova condição do trabalhador como “empresário de si”. Sem deixar de ser uma forma de exploração do seu trabalho, essa nova condição, porém, apresenta novas formas de envolvimento e maior eficácia. Han considera que essa mudança no mundo do trabalho se deve a sua desregulamentação, que transforma cada trabalhador num auto explorador — “sujeito do desempenho” —, o que impede a criação de uma solidariedade revolucionária de pertencimento de classe. Em sentido diverso, o trabalhador-empresário-de-si considera seu fracasso sua responsabilidade, sendo acometido de estados depressivos, uma condição induzida por essa *nova subjetivação* pelo capitalismo neoliberal. Nesse contexto, o capital se apresenta como uma nova transcendência e religião.

Han aponta que essa subjetivação pelo capitalismo neoliberal ocorre sob a ditadura da transparência, uma possibilidade dada pela internet, que transforma a liberdade e a comunicação num monitoramento total. Desse modo, parte do controle é feito pelo próprio indivíduo, através da sua exposição voluntária ou contingente aos termos de uso dos serviços das plataformas digitais, que acumulam seus dados para oferecer a ele mercadorias, transformando-o, também ele, numa mercadoria.

Para tanto, a transparência e a liberdade se tornaram um dispositivo neoliberal que erigiu o smartphone num objeto de adoração, como um tipo de oráculo. Assim, o

poder substituiu a violência disciplinar pela liberdade e pela afabilidade como técnicas de controle social. Essa mudança, Han considera como um poder inteligente, um novo tipo que se plasma à psiquê, convida ao compartilhamento e à participação, simulando a liberdade e tornando a livre escolha uma seleção entre as ofertas que oferece.

Em seguida, o autor se vale das metáforas da toupeira e da serpente para descrever a mudança entre os ambientes de produção confinados da sociedade industrial para os ambientes abertos da produção imaterial. Enquanto a toupeira escava e se movimenta em ambientes confinados, a serpente não se movimenta em espaços fechados, mas é a partir do seu próprio movimento que ela abre espaços. Por isso, o autor a considera uma empreendedora, enquanto a toupeira seria apenas uma trabalhadora.

Segundo Han, enquanto o antigo modelo disciplina o corpo, o novo modula a psique, o que corresponde à passagem operada pela virada psicopolítica do sujeito ao sujeito-projeto. O Big Data é a principal ferramenta desse processo, pela possibilidade que ele proporciona de criar não apenas um psicograma individual como também um coletivo, e mesmo um do inconsciente.

O autor aponta um dilema em Michel Foucault, que teria deixado de perceber essa técnica de poder que o regime neoliberal inaugurou com uma nova subjetivação na qual o sujeito do desempenho se reproduz como agente de sua própria dominação. Esse sujeito, sob o imperativo da otimização de si, com a obrigação de produzir cada vez mais, é levado a um esgotamento pela exploração máxima da sua psique, da sua atenção e da sua vida. Essa nova condição é acompanhada de doenças mentais como a depressão e a ansiedade.

A “cura” tornou-se a palavra mágica para qualquer fraqueza funcional, em nome da eficiência e do desempenho, para que a otimização pessoal coincida com a utilização máxima do capitalismo. Na opinião de Han, o sujeito “morre” pela obrigação de produzir mais desempenho, de modo que a cura ocorre como assassinato.

A metáfora da “terapia do choque” é ressaltada na obra para exemplificar a diferença entre o regime disciplinar, que opera por medidas coercitivas, e o de controle, que trabalha com estímulos positivos e registra os anseios, as necessidades e os desejos,

antecipando ações e atuando proativamente com uma Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder que buscam agradar em vez de oprimir.

Han destaca que o “Grande Irmão”, metáfora do estado de vigilância orwelliano da sociedade disciplinar, se diferencia do estado de vigilância digital com a internet e os smartphones. Os indivíduos são controlados através de uma aparência de liberdade, pela comunicação intensa e ilimitada, pela transparência e pela informação. Desse modo, o novo objetivo do poder não consiste mais na administração do passado, mas no controle psicopolítico do futuro. Assim, o novo panóptico digital exerce seu controle por meio do uso da liberdade individual, com a autoexposição voluntária e a autoexploração, de maneira que a comunicação coincide inteiramente com o controle: cada um é o panóptico de si mesmo.

O *capitalismo da emoção* é a forma que o regime neoliberal desenvolveu para promover a produção e o consumo. Han observa que, enquanto a racionalidade representa o recurso principal da sociedade disciplinar, a emocionalidade é o meio utilizado pela sociedade do controle para alcançar maior produtividade e desempenho. Nesse novo capitalismo do consumo que capitaliza as emoções, não é mais o valor de uso, mas o valor emotivo ou de culto que o impulsiona. Essa nova etapa se deve ao atual modo imaterial de produção, em que a comunicação interativa se torna cada vez mais importante, não apenas por competência cognitiva, mas também emocional.

Nesse contexto, o capitalismo da emoção de Han funciona se apropriando da técnica do jogo para promover a produtividade e o desempenho. Isso ocorre por meio da gamificação do trabalho, estimulando o lúdico, ou da lógica da gratificação, por meio de “curtidas”, “amigos” e “seguidores”. A exploração do trabalho, assim, se torna mais interativa, prazerosa e aceita. Em contraposição ao trabalho, e sua sacralização pela esquerda (o primado do trabalho em Marx), Han defende o ócio: seja a profanação como uma negligência consciente (citando Agamben), seja o trabalho pelo luxo (“o não essencial”).

O autor acredita que há dois modos de pensamento: um associado a Hegel, Marx e ao primeiro Heidegger; e outro, o do último Heidegger, que, com base na “serenidade”,

interpreta o mundo como jogo. Desse modo, o espaço-tempo criado no jogo está livre de qualquer forma de trabalho, por meio da profanação, que é um espaço de imanência, do acontecimento.

Han considera o Big Data como o “ovo de Colombo” da era digital, assim como Bentham considerava o seu panóptico o meio eficiente para monitorar os ambientes de confinamento disciplinares. O Big Data, ou seja, o acúmulo de dados, possibilita o monitoramento do comportamento humano e o controle psíquico. Por essa razão, seria um meio mais eficiente de controle: oferece uma visão prospectiva; opera a partir de qualquer ângulo e sem pontos cegos; pode observar até a psique. Essa configuração nos conduz, segundo ele, a um “dataísmo”, a crença de que tudo pode ser armazenado e controlado, permitindo filtrar o emocional e a ideologia. O dataísmo, contudo, observa o autor, faz uma renúncia ao sentido, devido ao fato de os dados e números serem absolutizados, fetichizados e sexualizados. O Big Data não tem nenhum acesso àquilo que é único. É completamente cego ao acontecimento, não ao estatisticamente provável mas ao improvável, ao singular, ao acontecimento que é, afinal, o que determina a história e o futuro.

Para além do sujeito, Han considera que o acontecimento põe em jogo “um fora”, rompendo com ele e o arrancando de sua sujeição. Os acontecimentos apresentam rupturas e discontinuidades que abrem novos espaços de liberdade. O autor contrapõe vivência a experiência, colocando esta em equivalência ao que Michel Foucault compreende por acontecimento: uma inversão de forças. A experiência se baseia numa discontinuidade e significa uma transformação, por retirar o sujeito de sua sujeição, se contrapondo à psicopolítica neoliberal da vivência e da emoção, que envolve o sujeito mais profundamente em sua subjugação. Referindo-se ainda a Foucault, o autor propõe uma arte de viver que possa ser concebida como uma prática de liberdade, para produzir uma forma de vida completamente diferente e oposta ao “terror psicológico” aplicado na subjetivação que a psicopolítica realiza.

E, finalmente, citando Deleuze e fazendo um elogio do idiotismo, Han comenta que o “idiota filosófico” queria evidências e duvidava de tudo, enquanto o novo

idiota não quer evidências, mas o absurdo. Com isso, concebe uma imagem do pensamento tomado como potência. Com essa estratégia para um novo sujeito, o capital, que se manifesta como transcendência, alienando a vida de si mesma, suspende essa relação de alienação e, assim, a vida é tomada como imanência. Tal idiotismo, conclui o autor, permite o acesso ao plano da imanência, a matriz da dessubjetivação e da despsicologização que pode se opor ao poder neoliberal de dominação, à comunicação e à vigilância total.